

JOSÉ GODOY GARCIA E A POÉTICA POPULAR DO CERRADO: LITERATURA DE CAMPO E HISTÓRIA DO CENTRO-OESTE

Augusto Rodrigues da Silva Junior

Pós-Doutor, Professor de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília – UnB. E-mail: augustorodriguesdr@gmail.com



Ana Clara Magalhães de Medeiros

Mestre, Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB. Professora de Letras no Instituto Federal de Goiás – IFG/Câmpus Águas Lindas. E-mail: ana.medeiros@ifg.edu.br



Godoy Garcia;
Araguaia
Mansidão; Poética
Popular do
Cerrado; Literatura
de Campo.

Resumo: Esta proposta analisa o livro *Araguaia Mansidão* (1972) do poeta goiano José Godoy Garcia. Partindo do conceito de literatura de campo (SILVA JR, 2013) e de índices históricos coletados no Centro-Oeste, discutimos a consolidação de uma *poética popular do cerrado* nesta obra. Debruçado, em especial neste momento de sua trajetória autoral, sobre a ideia do belo, o escritor goiano-brasiliense tece poesia do simples, assentada em elementos da natureza e em tipos comuns do Cerrado – alçado à condição de mundo (histórico e poético). A insistência em imagens da vida, *ordinária* e *natural*, como a chuva, a terra, os pássaros, o rio (Araguaia, poetizado desde o título da publicação) e a eleição criteriosa de figuras humanas, como a mulher, os trabalhadores e o escritor anunciam uma concepção realista do belo – no sentido do *grande realismo*, como compreendido por Mikhail Bakhtin e György Lukács – que não prescinde da tradição – no esteio da “poesia menor” de Manuel Bandeira, ou no desbravamento cultural da região aos moldes de Hugo de Carvalho Ramos – para sedimentar uma poética responsiva ao interior cerratense brasileiro. Perseguindo, ainda, a ideia de *casa*, enquanto morada de gente, de humanidade, de intelectual e de poeta, o autor não deixa de tencionar, liricamente, dois espaços norteadores de seu fazer literário: o estado de Goiás e a cidade de Brasília. Assim, perscrutamos uma poética popular, oriunda de um Cerrado polifônico, que indaga sobre passados rurais, futuros vindouros ansiados desde os anos 1940 e um presente por se fazer continuamente.

JOSÉ GODOY GARCIA AND POPULAR POETICS OF CERRADO:

FIELD LITERATURE AND HISTORY OF THE CENTER-WEST

Godoy Garcia;
Araguaia
Mansidão; Cerrado
Popular Poetry;
Field Literature

Abstract: This proposal analyses the book *Araguaia Mansidão* (1972) of the Goiás poet, José Godoy Garcia. Starting from the concept of field literature (SILVA JR, 2013) and from historical indexes collected in Central-West, we discuss a consolidation of a *popular poetry* in this writing. Based, in special, in this moment of his authorial path, about the idea of beauty, the writer from both Goiás and Brasília, weaves the poetry of the simple, seated in nature elements and in common types of Cerrado – purview of the world condition (historical and poetical). The insistence in images of his life, *ordinary* and *natural*, like rain, the soil, birds, rivers (Araguaia, which poetry made since the title of the publishing) and the strict election of human figures, like the woman, the workers and the writer announce a realistic conception of the beauty – in the sense of *great realism*, as comprehended by Mikhail Bakhtin and György Lukács – which does not prescind from the tradition – in the backbone of the “minor poetry” of Manuel Bandeira, or in the cultural break in the molds of Hugo Carvalho Ramos – to sediment a responsive poetic to the Brazilian countryside of the cerrado. Persecuting, yet, an idea of *house*, as an abode, of humanity, from his intellectual and poetry side, the author does not intend to produce tension, lyrically, two guiding spaces of his literary way: the Estate of Goiás and the city of Brasília. In this way, we peer a popular poetry, originating of a polyphonic cerrado, that inquires about the rural past, forthcoming future which anxiety came from the 1940’s and a present to be made continuously.



. Envio: 27/07/2017 ◆ Aceite: 22/10/2017

Introdução

Nascido em Jataí, José Godoy Garcia deambulou por cidades várias de Goiás, mas escolheu viver seus últimos anos em Brasília. Compôs, assim, memórias de diversos “goyazes” e cerrados, não só com a pena, mas com uma enxada que escrevia – posto que, no esteio de Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis, seus conterrâneos, sempre compreendeu o fazer poético como ação social de inserção histórica, política e intelectual. Fazeres com palavras que facultaram movimentos do Centro-Oeste numa extensão, mesmo que limitada, na cena cultural brasileira. Assim, nossa pesquisa recorre ao livro central em sua produção – *Araguaia Mansidão*, de 1972 – para perscrutar elementos estéticos – que anunciam uma opção ética – reveladores de uma poética popular do cerrado, capaz de iluminar o entendimento de nossa história, contada, como raramente acontece, do interior dos *ermos e gerais* do país.

A composição do livro engendra consciência autoral não facilmente encontrada no âmbito da poesia. Iniciado por poema que define a obsessão da obra – a beleza –, “Tudo é belo” já anuncia os índices principais que compõem visada de uma simplicidade complexa cerratense: a mulher, a água, o beijo, o rio, as terras verdes, “o peito largo como um tronco de árvore secular” (GARCIA, 1999, p. 209), as canções e a morte. Tais elementos repetem-se e avolumam-se no decorrer do livro que se constrói à medida que reconstrói a beleza do mundo. O compilador de sua obra, Salomão Sousa, ratifica:

Para ele, *a poesia é tudo que o pássaro pensa da chuva*. A matéria de seus versos, portanto, não poderia ser captada fora os elementos simples – água, chuva, sol, madeira, homem, menino, esparsos no mundo ou mesmo em instantâneos de noticiários. Não precisa ir longe, colocar o pássaro em outras regiões existenciais, mas revelar que o pássaro gosta de ser pássaro. (...) O poeta em José Godoy Garcia não se limita a ser político, mas busca ser co-autor da beleza do mundo. A sua lição da poesia é a de inventar o mundo que já existe (...). As suas sagas, as suas rapsódias podem ser encontradas em qualquer interior destes do Centro-Oeste (SOUSA, 1999, p. 8-9).

O crítico goiano logra expressão capaz de sintetizar o esforço maior de *Araguaia Mansidão*: “ser co-autor da beleza do mundo”. Beleza tornada face do Cerrado, nicho poético encontrado em “qualquer interior” destes *centros* do país. A ideia de rapsódia parece atender a compreensão de cada poema garciano. Tudo nele é tentativa de congregação

e agregar mapas literários do campo – um campo que ele percorre, com que ele convive, que sua poesia entende como saga a ser habitada por seres de palavras.

Se a beleza é a tônica, a homenagem é para o Rio Araguaia que, nascido entre *Altiplanos* goiano-mato-grossenses (para ficar com imagem de outro poeta centro-oestino, Anderson Braga Horta), desemboca nas páginas finais do livro de Garcia, em poema longo, um épico possível, posto que saga humilde, pobre e interiorana – que narra “Minha saga do Rio Araguaia”. Composto por onze *estâncias* – para usar terminologia dos manuais clássicos para a épica tradicional –, elegemos o poema II, sintetizador da metáfora que intitula a obra:

II

O Araguaia desce as mil léguas de seu silêncio.
Às suas margens, o homem.
A ruína do homem, às suas margens.
É um rio silencioso. Rio solidário.
Um rio que se embebeu dos anos da vida humana,
às suas margens.

Água grande
Água pequena
– Araguaia Mansidão
(GARCIA, 1999, p. 277).

Os versos consolidam o que já vinha se gestando como traço poético em Godoy Garcia desde *Rio do sono* (1948): o profundo estreitamento entre ser humano e meio natural. O silencioso rio Araguaia comunga do desterro flagrado às suas margens, n’o *homem* em ruínas. A eleição lexical precisa ser ressaltada, pois não se trata de *um* homem qualquer, mas d’o *homem* – definido, em artigo, que pode abranger o próprio gênero humano, para além de um único indivíduo seu exemplar. É o homem declinado da condição colonizadora, do longo processo para o encontro do indivíduo com as águas do Brasil Central.

A mansidão, aparente, vista e pressentida das margens, gera uma vazão poética na repetição. Vale sempre lembrar que o poema é escrito em tempos de golpe e, na literatura à margem, no coração do Brasil, desponta um mal-estar. Poetas da liberdade buscam sempre o rio. João Cabral, tantas vezes, moveu rios como forma da seca-silêncio humano. O mesmo processo foi utilizado por Hermilo Borba Filho na novela *Ambulantes de Deus*, em 1978. Outrossim, o rio, em poéticas contra-golpe, apresenta uma forma corrente de fazer correr

ideias pelos veios da *intelligentsia* engajada na recuperação do *homem humano* que, na vida pequena e solitária, por grande, deseja-se sempre solidária.

Assim, num conjunto específico de homens cuja vida se embebeu da existência de um “Rio solidário”, a palavra-rio discorre buscando *enfrasar*, águas-de-sintaxe, a semântica caudalosa de uma cheia em mansidão. O discurso-rio é a própria vida-palavra. Vida humana que, ao mesmo tempo, embriagou a existência do rio e se embebeu dos anos da vida passando pelo Araguaia.

Desta conjuntura, erige uma tipologia *hominídea* essencial para a poesia goiana, de que *Araguaia Mansidão* é partícipe refinado: o homem cerratense. Este que habita as “mil léguas” de silêncio do Araguaia, de Mato Grosso a Goiás, à espreita em suas margens, numa existência de transformação secular, contínua e mútua entre homem e rio. “Água grande/Água pequena” – curso das águas e curso da vida humana, construções e ruínas que conformam o existir no Centro-Oeste brasileiro: ser grande e ser pequeno, ser *Araguaia* em *mansidão*.

Neste sentido, os caminhos traçados por Godoy Garcia no Cerrado revelam retratos pictóricos do povo cingido a uma paisagem simultaneamente hostil e “solidária”, que é a cena cerratense. Tais imagens permitem-nos contar parte de um longo período de migração para o Centro-Oeste brasileiro, mais decisivo no período de vida e atuação do poeta de *Rio do Sono*, no século XX. Estas *foto-grafias*, quando reveladas, *presentam* um Brasil central ainda por ser contado e recontado pela palavra poética e pela crítica literária daqui despontada.

Desenvolvimento

Brevemente apontado o poema que encerra o livro aqui estudado, tomamos, de modo corrente, aquele que o principia. Com os eixos de abertura e de fechamento, definimos as nascentes desta obra no poema “Tudo é belo”. Afluentes que irrigam o trabalho aqui delineado:

Tudo é belo.
Árvore de cedro e por exemplo um homem que está
preso injustamente, um homem que tem esperança
e que é mais forte que os risos e sevícias,
quando tentam matar nele a esperança...

Tudo é belo.

A cabeça fatigada de um homem.
As pernas solitárias. As mãos solidárias.
O peito largo como um tronco de árvore secular.

Tudo é belo.
Mulher e por exemplo, as canções.
O caminho do nascimento à morte de um homem
(GARCIA, 1999, p. 209).

Por exiguidade de espaço desta proposta, suprimimos as duas primeiras estrofes de “Tudo é belo”. O trecho selecionado evidencia, por parte metonímica, os índices mais decisivos da poética popular despontada do estado de Goiás nos anos 1970. O primeiro poema de *Araguaia Mansidão* congrega aspectos que se repetirão e se adensarão ao longo do livro, tais como a natureza (“árvore de cedro”, “árvore secular”), o homem vitimado por vicissitudes histórico-sociais (“um homem que está/preso injustamente”), o ser humano macerado pelas condições degradantes do trabalho (“A cabeça fatigada de um homem”), aqueles que ainda conservam sentimento fundante na poesia de José Godoy: a esperança (“um homem que tem esperança/e que é mais forte que os risos e sevícias,/quando tentam matar nele a esperança”).

Além da figura da mulher – obsessão lírica do poeta, ao longo de toda sua trajetória, pelo feminino, pelo corpo, pelos órgãos erógenos –, mencionada com repetido zelo estilístico: “Tudo é belo./ Mulher e...”, em construção que acentua o belo feminino como prioridade ante qualquer beleza outra e que coletiviza esta característica pela ausência de qualquer artigo que possa restringir o belo do gênero feminino. Na poética de Garcia, mulher é bela, sem restrições.

Para finalizar essa pequena exegese do poema inaugural do livro de 1972, destacam-se ainda a presença das “canções”, na última estrofe, que pressente uma lírica assentada nos sons, nos ditos, nas toadas e nos ritmos populares de Goiás, além do emblemático verso final (“O caminho do nascimento à morte de um homem”) – que anuncia imagem perseguida pelo poeta: a morte e o destino dos homens em direção a ela. Seres correntes que povoam toda a poética de *Araguaia Mansidão*.

Neste sentido, avançamos em direção a alguns elementos do “ belo que está em tudo” e que fundamentam uma compreensão que de tão longe vem vindo desta obra máxima do poeta de Goiás, de Brasília, do Cerrado – *Zé Garcia mundo*. Citamos excertos do poema de 1972 intitulado “Zé Garcia arco-íris”:

1

Eu sou uma nuvem.

Se eu sou – a nuvem se chama José Garcia.

Se eu sou – José Garcia anda vagando o céu pela tarde.

José Garcia vagando o céu pela tarde indiferente à sorte do mundo,
como se independente do mundo e da vida do homem.

(...)

2

Se sou uma nuvem, então

(...) eu chovo na cabeça dos homens e das mulheres,

eu sou Zé Garcia chuva, Zé Garcia

beleza de mundo chovendo, Zé Garcia

(...)

3

(...)

Eu sou o rio na covardia e coragem, sempre um ser
na avalanche de seu ventre, no olho de sua carne.

Zé Garcia rio, Zé Garcia

saudando o povo que vive às suas bordas

(...)

(GARCIA, 1999, p. 213-214).

O escrito concorre como um dos mais exemplares, na poesia brasileira, da fusão plena entre mundo intelectual e mundo natural. O poeta, tornado eu lírico, assume-se, ele mesmo, elemento da natureza: “eu sou uma nuvem”, “eu chovo”, “eu sou o rio”. Tal aproximação faz da própria poética de Garcia uma extensão da vida natural cerratense – como se dissesse que Cerrado é lugar de nuvens, de chuvas, de rios, de poetas e de poesia.

Ser social que professou o marxismo e ansiou pela instauração de uma sociedade comunista, o indivíduo histórico José Godoy Garcia transmutou-se em eus poéticos que conseguiram, pelo literário, experimentar a plenitude entre condições materiais e existência ontológica, teorizadas por pensadores da estirpe de Karl Marx e György Lukács. Antes pela necessidade analítica suscitada pelo poema, que pela trajetória política de seu autor, evocamos Sérgio Lessa, intérprete da ontologia marxista no Brasil:

com a gênese e o desenvolvimento da vida e do ser social, a unidade [última do ser] é mantida num patamar mais elevado, ganha novos matizes e se torna mais rica e articulada. Essa unidade ontológica última se evidencia, por exemplo, tanto no fato de a reprodução social requerer uma permanente troca orgânica com o mundo natural, como pelo fato de que, sem natureza, não pode haver ser social (LESSA, 2015, p. 17).

A unidade última do ser – e dos seres entre si – é justamente o que se verifica em “Zé Garcia arco-íris”. Evidencia-se, no poema, que o ser social – como o poeta – existe apenas porque entrelaçado à natureza, partícipe de uma “troca orgânica”, em que o “social” e o “natural” não estão tão definitivamente separados como se atesta no mundo automatizado comum, fora dos limites da poesia.

O pensamento é encadeado verso a verso: se o poeta é uma nuvem, esta recebe seu nome – José Garcia. Se o poeta é nuvem, pode chover “na cabeça dos homens e das mulheres” e, portanto, transforma-se em chuva. Da propulsão das águas, o poeta transmuta-se em rio na última estrofe: “Zé Garcia rio” – provavelmente o mesmo rio, Araguaia, exaltado na epopeia de fechamento do livro, no título da obra, no corpo da mulher, no curso da vida humana: rio-imagem máxima na poesia de Zé Garcia arco-íris.

Note-se, contudo, que tais transformações em elementos do meio natural não retiram do poeta sua profunda relação com a vida social – pelo contrário, são capazes até mesmo de intensificá-la. Quando mudado em nuvem, o eu lírico quer vagar pela tarde “indiferente à sorte do mundo”, “como se independente do mundo e da vida do homem”, mas não consegue: as estrofes seguintes indicam que este vagar alheio é impossível ao poeta, que vai chover sobre os seres humanos, tornando-se a própria “beleza de mundo chovendo”. Conclusão imediata é que se a beleza do mundo existe é para saudar os seres humanos que vivem às bordas dela. Aqui, já adentramos a última parte do trecho, em que a natureza e o homem atingem o máximo de interpenetração. O poeta é rio. O rio, porém, possui características humanas: tem covardia e coragem. A tensão dos dois movimentos – sentimentos – o faz correr sempre. Como o poeta: ambos saúdam o povo, vivente às suas margens, esperando por água, alento, mansidão.

Diante dos poemas apresentados, temos já matéria analítica suficiente para discussão de alguns aspectos conceituais importantes para este desenvolvimento. Antes de passar para o pensamento de uma poesia andante – demigrante – importa pensar algumas facetas da busca garciana dos rios do povo em diálogo com teórico “engajado” nas relações entre a obra de arte e seu mundo próprio. Se o belo poético independe da necessidade de refletir obrigatoriamente fenômenos de seu lugar histórico é certo que alguns poetas, principalmente aqueles que vão a campo para escrever e comungar, encontram vazão intensa e intensiva: “Não é, pois, a ética em si a que se converte em matéria para a estética,

senão que uma e outra tomam sua matéria da vida cotidiana fecundada por ambas” (LUKÁCS, 1972, p. 187-188, tradução nossa).

Uma vez que suscitamos, em nosso título, o conceito de *Literatura de campo*, trazemos esclarecimento detalhado. Em editorial de periódico acadêmico (*Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, UnB, vol. 35, 2013*), destinado integralmente à apresentação de trabalhos e promoção de reflexões a respeito de literatura de campo, Augusto Silva Junior elucida:

Entrar num texto como quem entra num terreiro, numa capela, numa roda. Esta é a ideia primeva da literatura de campo: peregrinar e voltar para contar. Com isto, esta literatura, em campos plurais, com sua amplitude de temas e de significados, apresenta-se e dissemina-se no âmbito da transdisciplinaridade. Esta vertente, instaurada numa dialógica da colonização, conjuga-se, neste novo milênio, com os estudos da cultura popular, da oralidade e da performance. Esta base integra o pilar de uma dinâmica intelectual que reverbera na prática de um pensamento por escrito. (...) De modo muito geral a Literatura de Campo é composta por vários autores: Padre Anchieta, Padre Vieira, Tomás António Gonzaga, Euclides da Cunha, Hugo de Carvalho Ramos, Mário de Andrade, Erico Verissimo, José Godoy Garcia, Hermilo Borba Filho, Guimarães Rosa, Darcy Ribeiro, Ariano Suassuna, Milton Hatoum, dentre outros. Todos autores citados peregrinaram pelo país em busca da *língua certa do povo*, da língua errada do povo, para macaqueá-la, estilizá-la, imprimi-la (SILVA JR, 2013, p. 7-8).

A poesia de Godoy Garcia desenvolveu-se nesta errância. Errante como um rio que corre certo para o mar, o poeta correu ao contrário e manteve-se fiel à busca da palavra arraigada à cultura do Brasil Central. Sua trajetória como poeta, prosador e ativista ligado a partido comunista espriam-se num pensamento voltado para o povo, para uma dialógica de busca da compreensão do indivíduo brasileiro em sua condição tão desigual, à sombra de golpes que desejam tirar de nós aquilo que temos de mais profundo – um desejo de liberdade:

A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade (...) aos olhos de *outra* cultura. Um sentido só revela as suas profundidades encontrando-se e contactando com outro, com o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando- nos seus novos aspectos novas profundidades do sentido. Sem levantar *nossas* questões

não podemos compreender nada do outro de modo criativo (...). Nesse encontro dialógico de duas culturas elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente (BAKHTIN, 2006, p. 366).

Esta outridade é a base da literatura de campo e da busca andante de Godoy Garcia. Seus versos perscrutam, o tempo todo, este outro. Como rio que escreve o livro, que recebe nome de rio tão importante para a história do Brasil Central e é sempre navegado por outros em *diálogo*. Na cultura popular, explorada pela literatura de campo, este outro oferece constantemente possibilidades de completude para o eu. Na poesia popular, numa mansidão incessante, a palavra oferece esta impressão de plenitude captada pelo poeta. A literatura de campo é sempre arte voltada para a comunhão, para o deslocamento que busca enxergar as coisas, coletá-las, reinventá-las em palavras antigas da língua movente – como rio – do povo.

Araguia Mansidão que, por sua vez, comporta um dos poemas mais bem realizados da língua portuguesa é livro voltado para a plenitude e para a comunhão – entre os homens, com a matéria e com o meio natural. “Música de morar”, poema vastamente utilizado para a diegese cuidadosa da obra deste *poeta menor*, é sempre fonte do processo de entendimento desta poética. Não podemos deixar de mencioná-lo neste espaço de discussão. Destacamos o poema emblemático da carreira de Garcia, homenagem a um ícone da música popular brasileira intelectualizada – Chico Buarque –, metáfora para entendimento de todo o livro-rio:

Uma casa de morar rio é casa de morar peixe,
É casa de morar noite é casa de morar estrela.
Uma casa de morar gente é casa de morar corpo.
Corpo é casa de morar mundo, mundo é casa de estrada e mar.
Uma casa de morar laranja é de morar pássaro,
e o voo é a casa de morar pássaro e noite é casa de dormir.

Manhã é casa de sol.
Uma casa de morar vida é a mulher com seu corpo.
Uma estrada é uma casa de morar sonho,
e uma casa de guardar sonho é o corpo da mulher,
e uma casa de reviver e recriar sonho é livro,
e uma casa de amor é um livro e o corpo da mulher.

A casa de Chaplin é uma rua
e a casa de Chaplin é um chapéu,
a casa da liberdade é a Terra,

e a casa do tirano é a floresta.
A casa do corpo é também a roupa
e a casa do palhaço é o circo
e a casa do fardado é a caserna
e a casa do povo é a rua.

E a casa do homem? É a terra.
(GARCIA, 1972, p. 61).

O primeiro verso decorre do título “Música de morar. O poema, neste sentido, estrutura-se em duas imagens basilares – a música de morar que comporta as variantes aquáticas, a variante do feminino e da escrita, a variável da possibilidade de revolução na figura sempre metamorfoseante que é Chaplin – tudo isso, na síntese que leva à casa-mundo que é a Terra. Tudo isso, porém, funda-se na casa de morar rio que abarca peixe, noite e estrela. O reflexo do belo emoldura-se nas margens de mansidões. O rio, ainda, converge para o corpo-mundo que corre, posto que estrada e mar. Nestas andanças, as margens trazem laranjeiras para pousos-de-voos de pássaros.

Este rio que abre o poema começa uma longa viagem – que é a vida que cabe no belo da poesia – na noite. Depois, prenuncia luzes que se deixam colorir de laranjas e asas de pássaro. O rio dormente não deixa de se mover e o poema movente é convite para seguir músicas de demorar:

Os olhos da alma de José Godoy Garcia buscam sempre uma janela aberta. Revelam estradas e seguir de rios: geo-graphias de morar. Deambulante do cerrado, construiu uma poesia do mundo para estar no meio de uma mansidão tumultuada. Seus versos discutem a matéria do universo escrito e tecem motivos para cenas coletadas – *repentemente*. Para romper com o peso da existência, que sopesa diante de agruras mundanas e que pode ser leve como mãos de criança acenando na tarde, laranjas, laranjadas, rompem paisagens, páginas de livro, corpo do poeta deitado sobre o corpo deitado da mulher (SILVA JR; MARQUES, 2015, p. 233).

Em plena ditadura militar brasileira, o poeta que percebera, já em 1948, com *Rio do sono*, os abusos fascistas europeus, escreve agora para dizer que a Terra é casa da liberdade e que qualquer tirano é selvagem. Franco explorador da sonoridade popular e dos ritmos cancioneiros do interior do país, Godoy Garcia lança mão de versos livres – tipicamente modernistas – para dizer que a literatura, como a rua, é “casa do povo”. Povo que se lança como centro de sua poética deambulante. O mover do rio é o mover da palavra numa poesia

que deseja abraçar tudo e todos que vai encontrando pelo caminho. O curso do rio faz-se estrada e o discurso de sua poesia faz-se música. Tudo isso, em busca do outro, naquilo que o outro oferece de belo.

Neste coletivo do centro, Godoy encontrou, em Brasília, um afluente considerável. Sua poesia se reconstrói pela palavra de poetas como Anderson Braga Horta, Fernando Mendes Vianna, Hermenegildo Bastos, Chico Alvim, Joanyr de Oliveira, dentre tantos outros que deram continuidade e oferecem continuidade a essa poética de habitação do cerrado no Novo Milênio.

Uma vez que nossas capitais são migratórias – de Lisboa a Salvador; do Rio de Janeiro a Brasília – do magma, do mundo sem-mar erige-se uma ampla dialógica de cerrado-niemar (sem mar). Os processos culturais brasileiros se deram sempre em deslocamentos. O Atlântico, a que os portugueses estiveram *ultramarinamente* ligados, foi o mesmo que serviu de ponte para uma colonização escravagista, diaspórica e holocáustica – fatores de uma condição colonial que ainda reverberam na cultura humilde do centro do país e que não passam despercebidos pela escrita goiana, que sonha com uma “casa da liberdade” chamada Terra.

Se, durante séculos, o Brasil desapegou-se desta cultura *unilitoral*, ela se redescobriu no interior do país e sua melhor representante ainda é a poesia. As capitais migraram: Bahia, Rio de Janeiro, Brasília. Na região, formada por sertão e cerrado, enredam-se os Estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins (Brasil Central). Enfim, afluentes poéticos desta localidade inventada que delinea processos inovadores na zona de influência da terceira capital.

Índices e expressões aproximam ética e esteticamente os imaginários luso-católico, afro-brasileiro, indígena-sertanejo-*cerradeiro* numa tradição de escritores que peregrinaram por veredas e niemares para compor suas obras. Manifestações arraigadas no magma colonial, nas varedas de entradas e bandeiras, que continuam e reinventam a cultura e a literatura numa região *sem-mar que em presença demigra*.

Considerações Finais

O espetáculo do mundo é colhido em rios-páginas garcianas, que representam um espetáculo do mundo sempre plural, sempre diverso e sempre passível de oferecer

alumbramentos. As *demigrações* literárias, naquilo que elas abarcam dos discursos e das cidades, dependem da organização interna das referências ao mundo exterior e se edificam nos elementos estruturantes de uma história ainda a ser contada:

Fora do cânone escrito pelo Sudeste, há o poeta goianobrasiliense, fazedor de versos quase desconhecidos e que poderia ser considerado um dos mais importantes autores da poesia no país. Mas, escrevendo do centro, sua poesia, cujo ponto nodal é Brasília e cuja margem contínua e ampliada é o cerrado, aos poucos, ficou esquecida. O autor de *Rio do Sono*, *Araguaia Mansidão* e *Os Dinossauros dos Sete Mares*, surpreende pela musicalidade (de cunho cabralino), pela recorrência à natureza (aos moldes de Manoel de Barros), pela aparição dos tipos humildes (que lembram os personagens bandeirianos) e universos com imagens tão tocantes quanto as variantes de uma poesia de sete faces (para ficar com a imagem de outro grande poeta brasileiro, Carlos Drummond). A poesia de Godoy Garcia é uma escrita da revelação, dos diálogos paratáticos em busca de brasilidades ou de um estilo inerente ao catolicismo carnavalizado – mais ou menos no esteio de Murilo Mendes (SILVA JR.; MEDEIROS, 2014, p. 60).

Godoy Garcia, em *Araguaia Mansidão* ordena, pela fatura, um conjunto de imagens que suscitam no leitor, uma impressão de mansidão. Aquilo que os manuais de história literária silenciam, a crítica centroestina responsável faz chover na cabeça de leitores e leitoras. Na expressão da experiência profunda desta poética, um abrir e preservar de espaços ainda resiste diante de golpes. A relativização semântica da palavra-rio funda, então, um mundo novo – não exatamente um Novo Mundo – e independente do mundo e da vida concretiza-se, crítica dialógica, no mundo e na vida dos seres.

A visão polimorfa de poeta do povo tornado intelectual em organicidade com *as gentes*, a terra e a história alcança profundidades. Por meio de estradas e afluentes a palavra urgente do dia, poesia-margem, discorre. Sempre pronta a realizar atentados contra aqueles que desejam dizer a última palavra segue seu curso “saudando o povo que vive às suas bordas”. A poesia em Godoy Garcia é casa de pensamento, sentimento, plenitude e sabedoria. A palavra-rio viva não se cala diante do que não tem juízo nem nunca terá, do que não tem governo nem nunca terá, do que não tem remédio e nunca terá. Godoy Garcia deixou como herança, para esta literatura que continua em formação, a consciência de que é preciso estar atento e forte e a necessidade de se fazer a hora, de não esperar acontecer.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GARCIA, José Godoy. Araguaia Mansidão. *Poesias*. Brasília: Thesaurus, 1999. p. 207-284.

LESSA, Sergio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 4. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LUKÁCS, György. Problemas de la mimesis. *Estetica I: la peculiaridad de lo estético*. Trad. Manuel Sacristán. 2. ed. Barcelona – México, D.F.: Grijalbo, 1972.

SILVA JR., A. R. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB)*. V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2 Acesso em: 20 abril 2016.

SILVA JR, A. R.; A. C. M. MEDEIROS. José Godoy Garcia e a poética preta-e-branca: imagens cotidianas de um realismo afro-goiano. *Guavira Letras – Revista do programa de mestrado e doutorado em Letras da UFMS/Três Lagoas*. n. 18, jan.-jul. 2014. p. 53-69. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/52/37> Acesso em: 22 abril 2016.

SILVA JR, A.R. MARQUES, G. C. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Vol. 5. n. 2, p. 232-248. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/viewFile/1699/1209>. Acesso em: 22 maio 2016.

SOUSA, Salomão. A juventude e a dignidade da poesia de José Godoy Garcia. GARCIA, J. Godoy. *Poesias*. Brasília: Thesaurus

